

Revisitando o acento do Português Medieval a partir das *Cantigas de Santa Maria*

Gladis Massini-Cagliari
UNESP/Araraquara; CNPq

1. Introdução

Em Massini-Cagliari (2001), apresentou-se um estudo do acento dos nomes e de outros itens lexicais não-verbais em Português Arcaico (de agora em diante, PA), a partir do arcabouço teórico da Teoria da Otimidade. Nesse artigo, verificou-se que os padrões acentuais presentes no galego-português da época podiam ser obtidos a partir da interação entre restrições ligadas a duas forças principais: a tendência à produção de um ritmo trocaico e à tendência à marcação, através de proeminência, da última vogal do radical (nos nomes e demais itens não-verbais) ou tema (nos verbos).

Como *corpus*, foi escolhido, naquela ocasião, o conjunto das 503 cantigas de amigo contidas no *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa*. Nesse conjunto de cantigas, apenas dois tipos de pauta acentual puderam ser encontradas: oxítonas e paroxítonas. De fato, com relação ao *corpus* de cantigas de amigo, Massini-Cagliari (1995, 1999) já mostrara que os padrões acentuais excepcionais encontrados no português atual – oxítonas terminadas em sílaba leve e proparoxítonas – não ocorriam. Mesmo as paroxítonas terminadas em sílaba pesada, um padrão também excepcional atualmente, apareciam apenas em formas verbais.

Entretanto, em termos de riqueza lexical, por causa dos temas que desenvolve, o *corpus* de cantigas de amigo é bastante restrito. Por este motivo, o objetivo desta comunicação é ampliar a abrangência dos estudos anteriores, a partir da consideração de um *corpus* que, pela natureza das produções que agrupa, tem uma maior variedade de temas e, portanto, de léxico. Assim, este estudo considera como *corpus* o conjunto das 420 *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X (doravante, CSM). Desta forma, o diferencial desta pesquisa reside, justamente, neste recorte da produção lírica disponível em português medieval, levando também em consideração a vertente religiosa da produção dos trovadores, em que ficou registrado o galego-português produzido para além de Portugal e Galiza (no caso, em Castela, como língua de cultura).

2. Análise dos dados: padrões de acento lexical nas CSM

Observando a pauta acentual da última palavra de cada verso das 420 CSM, pôde ser constatado que os dois únicos padrões encontrados em posição de rima são as paroxítonas e as oxítonas – tabela 1.

O que a análise da relação entre o padrão de verso e a pauta acentual da palavra em rima revela é que, em posição de relevo rítmico no verso, a exemplo do que fora anteriormente constatado para as cantigas profanas, também nas religiosas **não há proparoxítonas**. Esta constatação confirma o caráter marginal desse padrão prosódico, considerado como “estranho”, “estrambótico” por Michaëlis de Vasconcelos (1912-13, p. 61). Sendo a posição de rima o foco prosódico por excelência do verso, e sendo que os versos são construídos *a partir* (e jamais *ao contrário*) do ritmo lingüístico do idioma que lhes dá suporte, é a investigação do aproveitamento estilístico das terminações graves e agudas (e nunca esdrúxulas) nessa posição de destaque que revela a tendência rítmica do PA.

Tipo de verso	Quantidade de versos
grave	16539 (52.5%)
agudo	14956 (47.5%)
Total	31495 (100%)

Tabela 1. Tipos de verso nas *Cantigas de Santa Maria*, quanto à pauta acentual da última palavra.

Em trabalhos anteriores (Massini-Cagliari, 1995, 1999), com base na possibilidade de alternância dos padrões de verso – grave e agudo – em uma mesma cantiga, chegou-se à conclusão de que apenas um ritmo de base trocaica seria capaz de dar sustentação lingüística a versos dessa natureza. Mostrou-se também que a grande maioria das palavras do PA possui, de fato, terminação grave (paroxítona) – o que reforça a consideração de um ritmo trocaico. Além disso, a grande maioria das palavras do PA recebe o acento na segunda mora, do final para o início da palavra, o que gera dois padrões básicos de acentuação: paroxítonas terminadas em sílaba leve – exemplos em (1) – e oxítonas terminadas em sílaba pesada – exemplos em (2) –, que são justamente os padrões mais recorrentes de acento lexical, na língua registrada nas cantigas religiosas.

(1) Santiago	coitado	festa	folia	alto
do	mercee	santa	requeza	guarda
(2) amor	solaz	prazer	coraçom	
pastor	Portugal	sandeu	enton	

É fato notável, entretanto, que, apesar de o PA ser sensível ao peso silábico na atribuição do acento, a consoante /S/, quando corresponde à realização da desinência de número plural dos nomes, parece ser invisível ao processo de contagem de moras (fenômeno conhecido como “extrametricidade”, nas abordagens derivacionais não-lineares do acento). Os exemplos em (3) comprovam essa “invisibilidade”:

(3) Palavra	Estrutura morfológica	Estrutura moraiça
soláz	[solaz] _{rad} + Ø _{gen} + Ø _{num}	[μ] _σ [μμ] _σ
amíga	[amig] _{rad} + a _{gen} + Ø _{num}	[μ] _σ [μ] _σ [μ] _σ
amígas	[amig] _{rad} + a _{gen} + s _{num}	[μ] _σ [μ] _σ [μ(μ)] _σ

No caso da flexão de número de palavras oxítonas terminadas em sílabas travadas, a formação do plural não interfere no posicionamento do acento. Mesmo quando é necessária a epêntese de uma vogal para “corrigir” a estrutura silábica anômala formada com a pluralização (exemplo: *amor* → *amores*), a desinência de plural parece não interferir no peso da sílaba a que adere, cujo núcleo é justamente a vogal epentética.

A grande maioria das palavras mapeadas no *corpus* de cantigas religiosas encaixa-se, quanto à pauta acentual, no padrão “acento na sílaba que contém a segunda mora da direita para a esquerda”. Entretanto, foram mapeados padrões que constituem exceção a essa tendência. Passa-se, agora, a identificar cada um desses padrões marginais, tanto com relação à estrutura prosódica, quanto com relação à quantidade de ocorrências.

Um desses padrões “excepcionais” é o das oxítonas terminadas em sílaba leve – exemplos: *aqui, ali, alá, aló, outrossi, Tomé, Jesu, maravedi*.

Outro padrão acentual excepcional é o das proparoxítonas. No *corpus* de cantigas profanas e nos Glossários que dão conta desse tipo de cantigas, a ocorrência de proparoxítonas é bastante marginal. Já no *corpus* das CSM as proparoxítonas são um pouco menos raras, embora seja esse padrão ainda excepcional. No entanto, esse tipo de pauta acentual jamais ocorre na posição rítmica mais importante do verso (posição de rima). Mesmo nas CSM, nas quais as proparoxítonas podem ser localizadas também nas epígrafes das cantigas, esse padrão ocorre apenas em posição medial do verso.

Em (4), encontram-se alguns exemplos de nomes proparoxítonos mapeados no *corpus* de cantigas religiosas.

(4) prologo	angeo	espírito	Theophilo	lampada
dicipolo	ydolo	letera	véspera	Évora
filosofo	poboo	crerigo	Páscoa	folego
paravoa	sabado	camara	perigoo	cítola

Note-se que todas as palavras acima são proparoxítonas terminadas em duas sílabas leves. Neste caso, o acento recai sobre a sílaba que contém a terceira mora, da direita para a esquerda. Entretanto, há também casos (raríssimos) de proparoxítonas em que a última sílaba é pesada, porque travada por consoante – exemplos: *Locifer, mercores, Princeps*. Porém, não apenas a pouca ocorrência atesta o caráter marginal desse padrão prosódico; processos fonológicos que transformam antigas proparoxítonas em paroxítonas são atestados. Mettmann (1972: 232), no *Glossário* das CSM, dá conta da ocorrência de *perigo* e *periglo*, ao lado de *perigoo*. O mesmo tipo de variação ocorre com as formas *poboo* vs. *pobro* e *poblo* (Mettmann, 1972: 235).

Um tipo bastante recorrente de proparoxítonas no universo das cantigas religiosas, mas também atestado em algumas poucas cantigas profanas, é o daquelas terminadas por hiato, sempre constituído das seqüências *ia* ou *io*, como em: *Cecilia, neicio, Perssia, Basilio, Segovia, ostia*. No entanto, há palavras também terminadas em *ia/io*, cujo padrão acentual não é proparoxítono, mas paroxítono, nas quais essas seqüências constituem ditongos crescentes no nível fonético – exemplos: *nervio, novio, chuva, sobervia, relíquias, juyzio, bestias*. É a estrutura métrica do poema, em termos de contagem de sílabas poéticas, que corrobora a diferença de padrão prosódico observada nesses casos – é o que mostram os versos em (5):

(5) a. *ia* = ditongo

on/tre/ bes/tias/ d'a/ra/da. (CSM15)¹

1 2 3 4 5 6

b. *ia* = hiato

a/ hos/ti/a /a /cos/tu/me/ ro/mã/a. (CSM69)²

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Além da alternância entre os padrões proparoxítonos e paroxítonos, verificam-se, nesse grupo de palavras, os mesmos tipos de processos fonológicos que agem no sentido de transformar em paroxítonas palavras originariamente proparoxítonas, fazendo com que os hiatos formados pelas seqüências *ia/io* sejam foneticamente realizados como ditongos, ou fazendo com que a vogal *i* se consonantize, o que acaba por gerar o tipo de variação focalizada em (6):³

(6) Basilio (CSM15) vs. Basillo (CSM15 e Mettmann, 1972: 40)

Cecilia (B1271) vs. Cezilla (CSM89)

Outro padrão excepcional de acentuação, que no entanto é bastante paralelo ao padrão proparoxítono (e, por este motivo, é tão marginal quanto este), é o das paroxítonas terminadas em sílaba pesada – exemplos em (7). Note-se que, na maior parte desses raros exemplos, a sílaba final é travada por nasal; mas há também casos de travamento pelas demais consoantes licenciadas nessa posição silábica.

(7) virgen	omagen	caliz	marmor/marmol	orden
vermen	Ruben	alçaçar	arvor/arvol	omen

Com relação aos verbos, os padrões mapeados são os mesmos já encontrados para os nomes e os demais itens lexicais não-verbais. A maior parte segue o padrão

¹ Equivalente, em CSM15, a "*per mort' outra vegada*", "*é end' envergonnada*", "*estranna e preçada*", e outros, todos versos graves de seis sílabas.

² Na CSM69, os versos são todos decassílabos graves.

³ Com relação a exemplos dessa mesma natureza, Mettmann (1972: 38 e 271) atesta *Babilonna e sacrificio*.

canônico: paroxítonos terminados em sílaba leve (*canta, cantava, cantade, cantasse*) ou oxítonos terminados em sílaba pesada (*cantei, cantou, cantar*). A maior parte dos verbos que foge a esse padrão corresponde a vocábulos paroxítonos terminados em uma marca de flexão que gera um travamento silábico: *cantas, cantamos, cantades, cantan, cantaron, cantedes, cantaren*, etc. Note-se que, nessas formas verbais, os morfemas flexionais (desinências) nunca recebem acentuação.⁴ Na tentativa de expressar restrições dessa natureza, abordagens derivacionais recorrem à noção de extrametricidade, uma estipulação de “invisibilidade” de certos elementos para regras de atribuição de acento. Especificamente para este caso do PA, em nosso trabalho anterior (Massini-Cagliari, 1999: 176), formulamos uma estipulação que marcava como extramétrica a coda final que portasse elemento com status de flexão, ou seja, {N, S}.

Note-se que a estipulação acima não está definida em termos da invisibilidade da desinência em si, mas de um segmento específico, que carrega *status* de flexão – de relevância semântica, pois.⁵ Essa solução foi formulada, naquele momento, para dar conta da previsão do posicionamento do acento nas formas verbais paroxítonas terminadas em sílaba travada, incluindo a 2ª pessoa do singular e a 3ª pessoa do plural do Futuro do Pretérito do Indicativo (ou Condicional), nas quais o acento recai sobre a desinência: *cantarias, cantarian*.

O problema com essa solução está em considerar as formas do Futuro do Pretérito como sendo simples. Nesse caso, e tradicionalmente, a desinência modo-temporal do Futuro do Pretérito do Indicativo é identificada como sendo *-ria*. Ora, acontece que as formas do Futuro do Pretérito, ao invés de estabelecerem um paralelo, em termos de comportamento flexional, com as formas “simples”, aproxima-se mais das formas do Futuro do Presente do Indicativo, considerado, em Massini-Cagliari (1999: 181), como compostas do infinitivo do verbo principal seguido da forma flexionada no verbo *aver* no Presente do Indicativo. Como compostas, essas formas possuiriam dois acentos, um para cada base; no estabelecimento da relação de proeminência entre esses acentos, o segundo tem precedência, seguindo o padrão do PA: *cantár + éi; cantár + ás*, etc.

Os argumentos a favor de considerar esses dois tempos como compostos são a variação entre formas do tipo *viverey* e *ey a viver*, *viveria* e *ia a viver* e possibilidade de mesóclise apenas nesses dois tempos: *ir-m'ei, ir-m'ia*. Corroborar esta posição a seguinte afirmação de Michaelis de Vasconcelos (1904: XXII): “No futuro e condicional o acento recaía ora no infinitivo, ora no auxiliar, conforme as exigências do ritmo e suas pausas”. A esses argumentos, pode ser somada a observação de Williams (1975: 211) de que, nos “cancioneiros primitivos”, existe a possibilidade de “coordenação” de dois futuros, a partir de uma só “terminação”: *direy e non estar*.

Desta maneira, tanto nas formas desses dois tempos “regulares” quanto ao acento (as paroxítonas terminadas em sílaba leve: *cantaria*; e as oxítonas terminadas em sílaba

⁴ Obviamente, a vogal temática verbal, parte do tema do verbo, não tem *status* de desinência; pode, portanto, ser suporte do acento.

⁵ Nesse sentido, nas desinências número-pessoais de 1ª e 2ª pessoas do plural, *-mos* e *-des/-tes*, respectivamente, apenas o /S/ final é extramétrico, porque somente esse segmento, na desinência como um todo, posiciona-se na coda.

pesada: *cantarei, cantarás, cantarán*) como nas “irregulares” (as paroxítonas terminadas em sílaba travada: *cantarias, cantarian, cantaremos, cantaredes*; as proparoxítonas(?): *cantariamos, cantariades*; e as oxítonas terminadas em sílaba leve: *cantará*), os morfemas com *status* de desinência verbal nunca recebem acento.

No entanto, a terceira pessoa do singular do Futuro do Indicativo não é a única forma verbal oxítona terminada em sílaba leve. Seguem essa pauta prosódica as formas da primeira pessoa do singular do Pretérito Perfeito do Indicativo nas 2ª e 3ª conjugações (*defendi, parti*) e alguns verbos irregulares, conjugados em outros tempos (*está*, por exemplo). Nas formas *defendi, parti*, a exemplo do que ocorre na forma da primeira conjugação (*améi*), o acento recai sobre a sílaba que contém a segunda mora da direita para a esquerda; a única diferença, em termos de estrutura morfológica, entre a forma da primeira pessoa do singular na primeira conjugação com relação à segunda e à terceira conjugações é o fato de a VT, nessas duas conjugações, ser de natureza igual à da vogal da NP:⁶

(8)	defend	i	∅	i
	part	i	∅	i
	radical	VT	MT	NP

Porém, a grande questão, com relação aos padrões acentuais possíveis nas formas verbais flexionadas em PA, é determinar, com certeza, se existem proparoxítonas. As seguintes formas verbais são candidatas a esse padrão prosódico: *cantavamos, deviamos, partiamos* (Imperfeito Ind. 1pp), *cantavades, deviades, partiades* (Imperfeito Ind. 2pp), *cantaramos* (Mais-que-perfeito Ind. 1pp), *cantarades* (Mais-que-perfeito Ind. 2pp), *cantariamos* (Futuro do Pretérito Ind. 1pp), *cantariades* (Futuro do Pretérito Ind. 2pp), *cantassemos* (Imperfeito Subj. 1pp), *cantassedes* (Imperfeito Subj. 2pp).

A dificuldade em se estabelecer com exatidão o padrão acentual dessas formas verbais consiste no fato de essas formas nunca aparecerem em posição de saliência rítmica do verso (ou seja, em posição de rima), como acontece na quinta estrofe da CSM143, transcrita em (9), e no refrão da CSM262, em (10).⁷

(9) E disse: «Se quisessedes gracir
est' a Deus e a ssa Madre servir
e de vossos pecados vos partir,
a chuvia logo verria.
Quen algũa cousa quiser pedir

(10) Se non loassemos por al | a Sennor mui verdadeira
devemos-la loar porque | [nos] demonstra en carreira.

⁶ As abreviaturas VT, MT e NP significam, respectivamente, “vogal temática”, “desinência modo-temporal” e “desinência número-pessoal”.

⁷ As CSM citadas em (9) e (10) são apresentadas a partir da edição de Mettmann (1988, 1989).

No entanto, mesmo aparecendo em posição medial, em alguns casos, é possível levantar pistas, a partir da estrutura métrico-poética da cantiga, que nos levam ao estabelecimento das formas específicas dos tempos listados como proparoxítonas. Por exemplo, no caso da primeira estrofe da CSM180, transcrita em (11), em que aparece a forma *deviamos*, é possível ter a certeza de que se trata de uma forma proparoxítona, a partir da contagem de sílabas poéticas dos versos. Na cantiga em questão, todos os versos são decassílabos (com exceção do refrão, com cinco sílabas). Ora, para que o sexto verso dessa estrofe seja decassílabo, é necessário que se constitua um hiato entre as vogais *i* e *a* e que essa forma seja proparoxítona; caso fosse constituído um ditongo crescente entre essas vogais específicas, a forma obrigatoriamente seria paroxítona.

- (11) Desta guisa deve Santa Maria
 seer loada, ca Deus lle quis dar
 todas estas cousas por melloria,
 porque lle nunca ja achassen par;
 e por aquesto assi a loar
 deviamos senpre, ca por nos vela.
Vella e Minya...

3. O acento das palavras das CSM: abordagem otimalista

Segundo Kager (1999: 142-143), a extensa pesquisa de Hayes (1995) sobre a tipologia das línguas quanto ao acento primário tem mostrado que os padrões acentuais são um domínio de forças potencialmente conflitantes, entre as quais o *ritmo* (pressão em direção à distribuição regular de sílabas fortes e fracas), a *sensibilidade ao peso silábico* (pressão no sentido de combinar sílabas pesadas com proeminências rítmicas) e a *marcação de fronteira* (pressão na direção de marcar as fronteiras de domínios morfológicos por sílabas fortes). É a investigação das maneiras pelas quais essas forças contrárias atuam na geração dos padrões de acentuação do português das cantigas medievais religiosas que é dedicada esta parte do presente trabalho. Mostra-se como as pautas acentuais do galego-português são o resultado da tensão entre duas dessas tendências: a tendência rítmica trocaica e a marcação da fronteira morfológica do radical/tema pelo acento. Está em foco, também, a maneira como a sensibilidade ao peso silábico se relaciona com essas duas tendências majoritárias.

A análise dos padrões de verso das CSM mostrou que, em posição de foco rítmico (isto é, em posição de rima), há apenas dois padrões: versos graves (terminados em paroxítonas) e versos agudos (terminados em oxítonas). A possibilidade de alternância desses dois padrões em uma mesma cantiga é um forte argumento em direção a considerar um ritmo trocaico como base do PA, uma vez que apenas uma alternância desse tipo seria capaz de dar sustentação lingüística a versos dessa natureza. Por sua vez, a análise da pauta acentual das palavras presentes nas CSM comprova que a grande maioria das palavras do PA possui, de fato, terminação grave (paroxítona) – o que reforça a consideração de um ritmo básico trocaico. Foi mostrado, também, que a

grande maioria das palavras presentes nas CSM recebe o acento na segunda mora, do final para o início da palavra, o que gera dois padrões básicos de acentuação: paroxítonas terminadas em sílaba leve e oxítonas terminadas em sílaba pesada. Outro fator importante a ser ressaltado é que apenas as três últimas sílabas da palavra são acentuáveis (e, mesmo assim, a antepenúltima, em condições excepcionais). O fato de *terminarem* as palavras do PA em troqueus (e não se *iniciarem* por pés dessa natureza) comprova a enorme importância da direcionalidade na construção dos pés: os pés – e portanto, o ritmo, em nível de atribuição de acento lexical – se constroem do final para o início da palavra (ou, em uma metáfora espacial, da direita para a esquerda).

A interação entre todas as tendências consideradas no parágrafo anterior pode ser expressa a partir da hierarquização entre as restrições TROQUEU (os pés têm proeminência inicial), ALL-FT-R (todos os pés à direita = Alinhe(Pé, direita, Palavra prosódica, direita), todo pé permanece na borda direita da palavra prosódica e PARSE- σ (segmente a sílaba: as sílabas são segmentadas em pés), responsável por gerar o padrão mais recorrente de acentuação em PA, o paroxítono terminado em sílaba leve. É o que está demonstrado no tableau (12), abaixo:

(12)	/cantig+a/	TROQUEU	ALL-FT-R	PARSE- σ
a. ♂	can.(ti.ga)			*
b.	can.(ti.gá)	*		*
c.	(cán.ti).ga		*	*
d.	(can.ti).ga	*	*	*

No entanto, as palavras paroxítonas terminadas em sílaba leve não são a única pauta acentual encontrada no PA. As oxítonas terminadas em sílaba pesada são também um padrão comum e recorrente. A obtenção desses dois padrões concomitantemente é dada, nas abordagens derivacionais, pela consideração de um ritmo baseado na construção de troqueus moraicos, da direita para a esquerda, em um sistema sensível ao peso silábico (Hayes, 1995; Massini-Cagliari, 1995, 1999, especificamente para o PA). Na literatura que se desenvolveu a respeito da análise de sistemas rítmicos sensíveis à quantidade das sílabas sob a perspectiva da TO, estabeleceu-se que, quando as sílabas pesadas recebem obrigatoriamente acento, é porque WSP (WEIGHT-TO-STRESS PRINCIPLE – Hammond, 1997: 172) encontra-se em uma posição alta na hierarquia das restrições. No entanto, pode-se perceber que o PA dá mais prioridade à formação de troqueus do que ao peso das sílabas da palavra; na verdade, o que importa é somente a quantidade da última sílaba da palavra, uma vez que uma sílaba pesada na antepenúltima posição da palavra, seguida de duas leves, não atrai para si o acento: *cóytado; *cántiga. Desta forma, pode-se concluir que, em PA, a restrição TROQUEU está hierarquizada acima de WSP.

Talvez, então, o fato de o acento ser atraído para a sílaba final de *amór* não esteja ligado à sensibilidade do PA ao peso das sílabas, mas à tendência de marcação da fronteira morfológica entre radical e desinências. Essa tendência tem sido afirmada com frequência, em relação ao comportamento do acento no Português Europeu (PE)

(Mateus, 1983) e no Português Brasileiro (PB) (Cagliari, 1999) – o que coloca o português atual como uma língua que, na tensão entre as forças conflitantes arroladas por Kager (1999), privilegia o reforço, através do acento, de constituintes morfológicamente importantes (marcação de fronteiras de domínio morfológico).

Pode-se perceber, com relação ao PA, que o alinhamento do acento com a última vogal do radical (radical derivacional, no caso de palavras não-primitivas) é uma tendência relevante. Tanto em *amór*, como em *cantíga*, ou *cantigas*, o acento se posiciona sobre a última vogal do radical, não recaindo sobre vogais portadoras de *status* gramatical, ou seja, desinências. É por este motivo que, em *cantigas*, o acento não retrocede para a última sílaba, cujo núcleo contém a vogal que marca o gênero e que é travada pela consoante que carrega a marca de número, mas cai na última sílaba de *soláz*, uma vez que, nessa palavra, a consoante final não é desinência de número, integrando o radical.

À luz do que foi dito acima, ocorrências como *cantíga*, *amór*, *coytáda*, *salvadór*, *coraçón*, entre outras, mais do que comprovar a sensibilidade do PA à quantidade da última sílaba, na atribuição do acento, mostram que a binaridade é menos importante do que o tipo do pé construído (trocaico, isto é, com proeminência inicial). Também o tipo e a binaridade do pé são mais importantes do que a consideração da quantidade silábica (WSP), porque, em palavras do tipo *coytádo*, o acento se mantém na penúltima leve, não retrocedendo para a antepenúltima, só porque esta é pesada. Destas considerações, resulta a importância da restrição BINARIDADE, cuja definição exige que os pés sejam binários em algum nível de análise (μ , σ), que interage com TROQUEU e ALL-FT-R, gerando o padrão conhecido como “troqueu moraico”, na teoria derivacional. No entanto, a binaridade dos pés não é tão importante no PA quanto o tipo de pé a ser construído e a borda em que ele deve ser construído. Pode-se comprovar isto a partir da análise dos casos de oxítonas terminadas em sílaba leve, como *aqui*, *Tomé* e *Jesu*. Nessas palavras, tanto a binaridade dos pés como a segmentação das sílabas são sacrificadas para que o acento recaia sobre a última vogal do radical. É o que comprova a hierarquia estabelecida no tabelau (13), em que o alinhamento do acento com a borda direita do radical é expressa pela restrição “alinhe o acento na extremidade direita do radical” – ALINHE (ac.,D, Rad.,D).

(13) /rubi+Ø+Ø/	ALINHE AC, D, RAD., D	TROQUEU	ALL-FT- -R	BIN	PARSE- σ	WSP
a. σ ru.(bí)				*	*	
b. (ru.bí)		*				
c. (rú.bi)	*					

A dificuldade com relação à abordagem do acento dos nomes e demais itens não-verbais no PA consiste em explicar e prever o padrão das proparoxítonas e das paroxítonas terminadas em sílaba pesada. Para dar conta desses padrões marginais de acentuação, propomos a consideração da restrição NÃO-FINALIDADE (=Nas palavras

marcadas como contendo radicais especiais, a proeminência é não-final, com relação ao domínio do radical), hierarquizada acima de todas as outras, exclusivamente para as proparoxítonas e paroxítonas terminadas em sílaba pesada. Apesar do caráter paroquial da restrição NÃO-FINALIDADE, esta é uma solução melhor do que as propostas por Lee (1999) para o PB e Rosenthal (1994) para o espanhol, uma vez que não recorre a hierarquias concorrentes dentro de uma mesma variedade de língua; além disso, a presente solução tem o mérito de dar soluções “especiais” para casos “especiais” (no sentido de marginais, excepcionais), sem cair em artifícios teóricos que acabariam por emprestar às proparoxítonas um verniz de padrão normal da língua – característica que, evidentemente, não se aplica a esse tipo de palavras. A solução aqui proposta faz com que seja escolhida como forma ótima aquela em que é construído um pé (padrão) de proeminência inicial (trocaico), mas com três sílabas (não-padrão), muito semelhante aos pés datílicos propostos para o PB por Wetzels (1992) – tableau (14).

(14) /dicipol+o+Ø/	*FIN (rad)	ALINHE AC, D, RAD., D	TRO QUEU	ALL- -FT-R	BIN	PAR SE-σ	WSP
a. di.ci(pó.lo)	*					**	
b. di.(cí.po)lo		*		*		**!	
c. Ø di.(cí.po.lo)		*			*	*	

Quanto ao acento, o comportamento das paroxítonas terminadas em sílaba pesada é análogo ao das proparoxítonas.

Com relação às formas verbais do PA, os padrões mapeados no *corpus* são os mesmos encontrados para os nomes e demais itens lexicais não-verbais. Nada faz crer, portanto, que verbos e não-verbos tenham um comportamento diferenciado, quanto à colocação do acento, no PA. De fato, a hierarquia de restrições estabelecida para dar conta do padrão de acentuação dos itens não-verbais explica e prevê perfeitamente bem o padrão dos verbos paroxítonos terminados em sílaba leve e em sílaba travada, além dos oxítonos terminados em sílaba travada e em ditongo. Em todas essas formas, percebe-se o mesmo jogo das forças conflitantes que agem sobre a localização do acento: tendências concomitantes em direção à produção de um ritmo trocaico e à marcação com a proeminência acentual da fronteira morfológica do radical. No entanto, no caso dos verbos, o domínio morfológico a ser ressaltado não é exatamente o radical, mas o tema verbal, que consiste na soma do radical com a vogal temática. Generalizando, tanto para verbos como para não-verbos, a fronteira morfológica a ser ressaltada pelo acento é a base para a flexão.

Os únicos tempos verbais que trazem problemas para a proposta de análise que ora se apresenta são os do Presente, cujas formas não podem ser geradas apenas através da hierarquia até agora considerada. Para resolver o problema, adota-se, aqui, a restrição NÃO-FINALIDADE(Presente) (= as formas do Presente Indicativo e Subjuntivo não têm acento final, no domínio da palavra fonológica). Como fica demonstrado no tableau (15), o efeito da ação dessa restrição é fazer com que o acento não se posicione na sílaba final da palavra nas formas do presente, ou seja, nas formas do Presente do Indicativo e

do Subjuntivo. Estabelece-se, portanto, uma clara tensão entre *FIN(Pres.) e ALINHE(ac.,D, Rad./Tema,D), uma vez que a ação desta vai no sentido de posicionar o acento na última sílaba, nas formas da 2ª pessoa do singular (*cantas*) e da 3ª pessoa do plural (*cantan*) do Presente do Indicativo e da 2ª pessoa do singular do Imperativo (*canta*), à qual pertence a vogal temática verbal.

No entanto, a ação isolada de *FIN(Pres.) não é capaz de explicar a queda da vogal temática, sempre presente no *input*, nas formas da 1ª pessoa do singular do Presente do Indicativo (*canto*) e das 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e da 3ª pessoa do plural do Presente do Subjuntivo (respectivamente, *cante*, *cantes*, *cante*, *canten*). Para tal, recorreu-se PCO(VT)-Pres. (=Princípio do Contorno Obrigatório com relação à vogal temática nas formas do Presente). No momento da avaliação dos candidatos (tableau 16), sua ação faz com que sejam descartados os *outputs* que contenham a vogal temática expressa nas formas do presente, ou seja, faz com que não sejam escolhidos os *outputs* em que se forma uma seqüência de duas vogais, a VT e uma V(desinência) (tanto número-pessoal, como no Indicativo, como modo-temporal, como no Subjuntivo).

(15)	/cant+a+Ø+ s/	*FIN (Pres.)	TRO QUEU	ALINHE AC, D, RAD., D	ALL- -FT-R	BIN	PARSE- -σ	WSP
a.	☞ (cán.tas)			*				*
b.	(cán).tas			*	*		*	*
c.	can.(tás)	*					*	*

(16)	/cant+a+e+ s/	PCO (VT) -Pre s.	*FIN (Pres.)	TRO QUEU	ALINHE AC, D, RAD., D	ALL- -FT-R	BIN	PAR SE-σ	WS P
a.	☞ (cán.tes)								*
b.	(cán).tes					*		*	*
c.	can.(tés)		*		*			*	*
d.	can.(tá.es)	*						*	**
e.	(cán.ta.es)	*					**		*

4. Conclusão

A hierarquia de restrições que se propõe explica de forma bastante satisfatória as interações entre as pressões exercidas pelas tendências a um ritmo trocaico e à marcação da fronteira morfológica entre o radical e as desinências, ao mesmo tempo que evidencia o papel (menos importante do que essas duas tendências, mas também relevante) da consideração do peso silábico, no processo de posicionamento da proeminência acentual, no nível da palavra. Não se trata, pois, de negar a importância do peso silábico na atribuição do acento do Português Arcaico, mas de relativizar a sua relevância.

Referências Bibliográficas

- Cagliari, Luiz Carlos (1999) *Acento em Português*. Campinas: edição do autor.
- Cancioneiro da Biblioteca Nacional (Colocci-Brancuti)*. Cod. 10991. (1982) Reprodução fac-similada. Lisboa: Biblioteca Nacional/Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Hammond, M. (1997) Optimality Theory and Prosody. In Archangeli, Diana & D. Terence Langendoen (eds.) *Optimality Theory – An Overview*. Oxford: Blackwell. pp. 33-58.
- Hayes, Bruce (1995) *Metrical Stress Theory – Principles and Case Studies*. Chicago/London: University of Chicago Press.
- Kager, René (1999) *Optimality Theory*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lee, S.-H. (1999) Primary stress in Portuguese non-verbs. Comunicação apresentada no XXIX Symposium on Romance Languages, Un. of Michigan.
- Massini-Cagliari, Gladis (1995) *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao lingüístico. Um estudo do percurso histórico da acentuação em Português*. Tese de doutorado. Campinas, UNICAMP.
- Massini-Cagliari, G. (1999) *Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. Araraquara: FCL, Laboratório Editorial, UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Massini-Cagliari, G. (2001) O acento em português arcaico visto pela teoria da otimidade. In Correia, Clara Nunes & Anabela Gonçalves (orgs.) *Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística (Coimbra 2000)*. Lisboa: APL. pp. 337-348.
- Mateus, Maria Helena M. (1983) O acento de palavra em português: uma nova proposta. *Boletim de Filologia*. Tomo XXVIII. Lisboa: Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa. pp. 211-229.
- Mettmann, Walter (1972) Glossário. In Afonso X, o Sábio. *Cantigas de Santa Maria*. Coimbra: Universidade. Vol. IV: Glossário.
- Mettmann, Walter (ed.) (1986) Alfonso X, el Sabio. *Cantigas de Santa Maria (cantigas 1 a 100)*. Madrid: Castalia.
- Mettmann, Walter (ed.) (1988) Alfonso X, el Sabio. *Cantigas de Santa Maria (cantigas 101 a 260)*. Madrid: Castalia.
- Mettmann, Walter (ed.) (1989) Alfonso X, el Sabio. *Cantigas de Santa Maria (cantigas 261 a 427)*. Madrid: Castalia.
- Michaëlis de Vasconcelos, Carolina (1904) *Cancioneiro da Ajuda. Edição de Michaëlis de Vasconcelos*. Reimpressão da edição de Halle (1904), acrescentada de um prefácio de Ivo Castro e do Glossário das cantigas (Revista Lusitana, XXIII). Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1990.
- Michaëlis de Vasconcelos, Carolina (1912-13) *Lições de Filologia Portuguesa (segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13) Seguidas das Lições Práticas de Português Arcaico*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, s/d.

- Rosenthal, Samuel (1994) *Vowel/glide alternation in a theory of constraint interaction*. Amherst: University of Massachusetts Amherst, 1994. Ph.D. Thesis. ROA #111-000. [<http://roa.rutgers.edu>]. (acesso em 29.08.2002)
- Wetzels, W. Leo (1992) Mid Vowel Neutralization in Brazilian Portuguese. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, (23): pp. 19-55, jul./dez. 1992.
- Williams, Edwin B. (1975) *Do Latim ao Português*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.